

UMA ESCRITA QUE PRODUZ UM INTELLECTUAL E UM INTELLECTUAL QUE PRODUZ UMA ESCRITA

BRUNO EMANUEL DE ARAÚJO*

* Universidade Federal da Bahia – UFBA.

A

Resumo

A partir da leitura dos textos literários e críticos do escritor angolano Manuel Rui Monteiro examina-se a sua atividade intelectual enquanto escritor, empenhada em construir e teorizar um modelo de escrita que o mesmo chama de “escrita oraturizada e oraturizante”. Tal modelo constitui um projeto literário e lingüístico que funda e institucionaliza um modelo literário angolano, corroborando com os movimentos de descolonização e de (re)construção de identidades. O intelectual em questão busca problematizar o caráter da escrita em língua portuguesa e a construção de novas categorias epistemológicas que represente uma Angola cindida pelo fluxo da pós-colonialidade e da globalização correlacionada com as tradições locais. Manuel Rui se configura como um engenhoso intelectual da África pós-colonial envolvido com as questões identitárias e da mestiçagem etnocultural, produzindo uma escrita diferenciada dos demais escritores de língua portuguesa.

Palavras-chave: Manuel Rui; Modelo literário angolano; Pós-colonialismo; Mundialização; Tradições locais.

E o Verbo se fez carne.

João 1:1, 14

A literatura contemporânea está marcada pela presença problemática do autor que por vezes se autobiógrafa explicitamente, trazendo a baila os seus anseios, as suas fruições, as suas experiências, inscrevendo no horizonte do processo de reconstituição de identidades a especularização dos seus conflitos e das suas transformações.

Defronte a essa especularização do sujeito que se faz na escrita de si não tão somente como um regime autobiográfico, mas também como uma inscrição autobiográfica involuntária, projeta-se uma indagação desse “eu”, desse corpo-vivo que está por trás ou em frente a uma escrita, negando o anúncio da “morte do autor” em contrapartida a afirmação do nascimento do leitor. A escrita de si aqui corrobora com

a indagação do autor e do leitor, porque não se desassociam mais, afinal Borges já afirmou que “o leitor é um autor”, ou vice-e-versa, constituindo sujeitos.

É preciso falar de si para nos reconhecermos simultaneamente como eu e o outro, ou se quisermos tu, lembrando Manuel Rui – que incita essa leitura – em um ato de confraternização, nos reconstituindo nesse encontro que se perfaz de diversas formas. Portanto, essa escrita de si aparece como um sintoma da nossa contemporaneidade que aponta que é indiscernível o individual do coletivo, pois a localidade, ou melhor, o sujeito localista em um ato performático situa no espaço coletivo os seus conflitos internos, (de)formando as suas identidades nas linguagens.

Nessa apresentação de si, nessa escrita de si surge a escrita do outro, afinal não posso ser eu sem o outro – sem tu. O eu e o tu passam a nos escrever em um ato compulsivo em que identidades e projetos antes pensados inicialmente como pessoais passam a comungar com os ideais e pensamentos de uma comunidade. Foucault em seu livro **O que é um autor?** nos diz que: “Escrever é pois “mostrar-se”, dar-se a ver, a fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro.” (FOUCAULT, 1992, p. 151).

A escrita que vos trago é a que apresenta essa comunhão, é a de Manuel Rui, que se realiza em um labor para mostrar um eu e um tu que se fazem mestiço e híbrido, frente aos conflitos nacionais em Angola.

A escrita de Manuel Rui surge como um projeto filosófico-político-estético, jamais estático, em um aporte metalinguístico e iconoclasta, na busca de construir novas categorias epistemológicas. Tal escrita se compõe como um modelo que funda e institucionaliza um modelo literário angolano, pois ao escrever Manuel Rui escreve consigo a sua nação, embebida de conflitos, de buscas, de encontros e desencontros. O modelo de escrita tenta abalar as estruturas convencionadas da língua ligada estritamente com as estruturas de poder, anunciando um movimento de desassimilação, de (re)construção de identidades em meio ao manancial do fluxo da pós-colonialidade e da globalização, que por vezes imobiliza as ações subjetivas.

A formulação de um modelo de escrita, logo um modelo de pensamento, diverge das estruturas e condutas cartesianas possibilitando a reivindicação do direito a uma outra subjetividade que desmascara as formas estereotipadas.

Manuel Rui em um dos seus textos curtos, ou seja, em um dos textos escritos poeticamente para serem apresentados em congressos ou conferências, e por tal característica foi chamado pela estudiosa Laura Padilha de “Ensaio Poemas”, nos falou do seu projeto filosófico-político-estético, imbuído da tarefa de se desassimilar (desescrever) assim como o seu leitor.

E eu posso transpor essa fala para escrita? Não há nada que não se possa transpor para escrita, dirão. E é verdade. Mas não é sobre isso. Enquanto venho escrevendo, sempre que acabei uma obra apeteceu-me descrevê-la. Julgo que foi com Rioseco que, cada vez

mas comecei a libertar da escrita enquanto um sistema de impedimentos. Não é que não reflectisse sobre regras mas, tão só e apenas, sobre a desescrita que seria, para mim, a nova regra. É que começava, cada vez que baixava os olhos para a escrita, a sentir a necessidade de escrever muito para mim. E eu necessitava de algo mais. Sem a preocupação do elogio civilizacional que, normalmente, que aprendemos como eles fazem e querem. Em suma, africanos... mas civilizados. A minha questão não era de qualquer obrigatoriedade colectiva pois defendendo que qualquer forma como se escreva pode atingir a grandiosidade do universalismo. (RUI, 2003)

Em um ato de descodificação das formas literárias convencionais ele realiza procedimentos estilísticos que o envolve enquanto sujeito e objeto da sua ação. A escrita assume um papel centralizador nos processos de desassimilação de si e conseqüentemente do outro, marcado por uma rasura que inscreve-se violentamente no seu texto.

Empenhado nessa desescrita de si e de tu, não mas do outro, afinal Rui quer olhar o outro como tu, pois aí realiza-se o início da comunhão necessária para si desescrever.

Sua escrita projeta-se árida, imbricada por vários tempos, uma escrita que não mostra inicialmente nenhuma gentileza e generosidade com o leitor, ao contrário feri-o, mostra-o quase a sua incapacidade de reestruturar uma outra lógica e de mexer com os seus paradigmas, talvez por estarmos tão enfeitiçados pela lógica ocidental.

A escrita de Manuel Rui traz a sensação por vezes de uma escrita teórica que insistentemente fala de si-tu, corroborando com os dilemas e os ditames de uma sociedade civil projetada no neo-liberalismo e nas confluências das existências humanas. Isso me faz lembrar o seu romance **A casa do rio** (2007) que logo no início apresenta-nos uma *maka*, uma confusão. A isso ele chama de um texto oraturizado e oraturizante, nesta altura extrapolo este termo tão bem quisto, sinónimo de um texto oralizado e que se faz oral.

A extrapolação concebe a sua escrita como um ato de leituras de si-tu, por isso a *maka*, é um trânsito ininterrupto do autor como leitor de si-tu, e esta leitura representada em escrita apresenta “o sopro dos lugares” pluralizando Glissant que nos formula a sentença que: “É preciso partir de um lugar e imaginar a totalidade-mundo” (GLISSANT, 2005, p. 41)

Essas leituras escritas expõe o trabalho ardiloso de Manuel Rui para se reconfigurar conjuntamente com os seus modos de fazer e pensar constituindo-se como um intelectual envolvido nas discussões em torno das questões identitárias e da mestiçagem cultural.

Dessa forma, a atividade intelectual de Manuel Rui condiz com a definição do papel do intelectual na contemporaneidade discutido em “Os intelectuais e o poder” de Deleuze e Foucault.

O papel do intelectual não é mais o de se colocar “um pouco na frente ou um pouco de lado” para dizer a verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao

mesmo tempo, o objeto e o instrumento na ordem do saber, da “verdade”, da “consciência”, do discurso. É por isso que a teoria não expressará, não traduzirá, não aplicará uma prática; ela é uma prática. Mas local e regional, como você mesmo diz: não totalizadora. (FOUCAULT; DELEUZE, 1979, p. 71)

O intelectual Manuel Rui que se produz e insurge-se na sua escrita “atravessa o deserto em busca de água” (RUI, 2003), busca dentro e fora da língua o trabalho a ser realizado, que permita em tempos de globalização desejada compreender as artes de África, afinal as nossas culturas do industrialismo urbano nos levaram para muito longe delas, ou para aquelas que nos é culturalmente e imaginariamente estratégica, com a finalidade de olharmos para África como somente o outro e não eu-tu.

E para finalizar o princípio desses pensamentos pensados inverte a proposição bíblica “E o verbo se fez carne”, minha epígrafe, para não esquecerem que também a carne se fez verbo.

RÉSUMÉ

De la lecture de textes littéraires et critiques d'écrivain angolais Manuel Rui Monteiro examine son activité intellectuelle en tant qu'écrivain, s'engage à construire et théoriser un modèle de l'écriture qu'il appelle «l'écriture et oraturizante oraturizada». Ce modèle est un projet linguistique et littéraire, qui établit et institutionnalise un modèle littéraire angolais, confirmant les mouvements de décolonisation et de (re) construction des identités. L'intellectuel en question vise à remettre en question le caractère de l'écriture en langue française et la construction de nouvelles catégories qui représente une scission épistémologique Angola par le flux de post-colonialisme et la mondialisation en corrélation avec les traditions locales. Manuel Rui apparaît comme un esprit intellectuel de l'Afrique postcoloniale concernés par les questions d'identité et de la fusion ethno-culturelle, la production d'un écrit différenciés des autres écrivains de l'anglais.

Mots-clés: Manuel Rui ; Modèle littéraire angolais ; Post-colonialisme ; Mondialisation ; Traditions locales.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor**. 2. ed. Tradução de António Fernando Cascais; Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega, 1992.

FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder. In: **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 69-78.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

RUI, Manuel. S. Salvador da Bahia: Texto apresentado no **Seminário África-Bahia: interlocuções, literaturas e trocas culturais**, ocorrido em Salvador. (03 DE NOVEMBRO DE 2003)

RUI, Manuel. **A casa do rio**. Luanda: Nzila, 2007.